

Duas leituras tradutórias, J. P. Sullivan e Paulo Leminski: atualizando o Satyricon de Petrônio

PEREIRA, Livia / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP - li_vis@hotmail.com

Eje: Teoría y Crítica de la Traducción

Tipo de trabajo: Ponencia

» *Palabras clave: Satyricon, Ezra Pound, Recepção da Literatura Greco-romana*

» *Resumen*

Diante da rica fortuna tradutória do *Satyricon* de Petrônio, o presente trabalho seleciona e coloca em foco duas traduções poundianas da obra. A tradução do classicista e tradutor norte-americano J. P. Sullivan, lançada em 1965 pela editora Penguin Books, e a do poeta e tradutor brasileiro Paulo Leminski, lançada em 1985 pela editora Brasiliense. A primeira, que se situa no movimento Swinging Sixties, nascido em Londres e repercutido pelo mundo, e dois anos antes da euforia hippie, culminada pelo *Summer of Love*, em abril de 67, é marcante por quebrar as regras e não censurar as cenas eróticas, muito presentes no livro. A segunda tradução, marcada pela influência dos movimentos libertários dos anos 60, expressa os interesses de sua época e reflete a irreverência da década de 80 brasileira, assumindo como produto final um romance marginal, inspirado no mote de Petrônio. Ambas traduções mais ou menos declaradamente refletem a leitura tradutória inovadora do “make it new”, de Ezra Pound. A partir dessas duas obras, pretendemos demonstrar quais foram os diversos resultados alcançados no nível da linguagem e da interpretação, comparando trechos coincidentes entre as duas traduções, como produtos da leitura de Pound e sob as influências dos novos hábitos culturais. A metodologia, que empregaremos, irá nos permitir a análise do texto latino e de suas traduções, partindo primeiramente do estudo do contexto em que as traduções foram publicadas e, logo após, por meio do cotejo entre o texto antigo e de suas retomadas contemporâneas comentaremos sobre as escolhas tradutórias dos dois autores em questão, levando em consideração suas escolhas estilísticas de tradução, seus acréscimos, mudanças ou inserções de sentido em relação ao texto de partida, as transliterações dos nomes próprios em português, entre outros aspectos.

› *Satyricon de Petrónio*

Toda a história da escritura e superveniência do *Satyricon* é contada por meio de diversas conjecturas e especulações, que ficaram conhecidas com a denominação de “Questão Petroniana”. Sob esse título são tratados dados históricos e filológicos referentes à data em que foi escrito o romance, à identidade do autor, à montagem dos fragmentos, à extensão original e a sua relação com outras obras antigas. São poucos os registros que falam sobre o suposto escritor do *Satyricon*. Os dados históricos baseiam-se principalmente no texto do célebre historiador Tácito (55-117 d.C., cf. *Annales* 14. 18-19), que menciona uma personalidade da corte do imperador Nero, denominada Gaius Petronius, *arbiter elegantiae* (“Caio Petrónio, árbitro da elegância”), a quem se tem atribuído a autoria do texto. Segundo Ernout, autor da mais conceituada edição do *Satyricon* (1950), os editores de Petrónio têm acesso a três fontes para estabelecer o seu texto: fragmentos longos, um fragmento isolado contendo o “Banquete de Trimalquião” e os extratos curtos, ou *excerpta uulgaria*, assim chamados porque eles aparecem em vários dos manuscritos, e foram os primeiros a ser publicados. Após a edição de Ernout, em 1961, Konrad Müller apresentou uma edição revista dos manuscritos, nomeada *Petronii Arbitri Satyricon*, segundo Nisbet (1962) Ernout apresenta poucas novidades e Müller havia recolhido os manuscritos mais significativos com muito cuidado e exposto os resultados de forma clara e sistemática, sendo, após o ano de seu lançamento, a versão mais utilizada pelos estudiosos de latim.

O primeiro manuscrito de Petrónio apareceu em 1476 e serviu de base para a sua primeira edição feita por Francisco Puteolano (1482). Esse texto é formado pela maioria das aventuras de Encolpo e pelo início do “Banquete de Trimalquião”. A partir de 1564 são descobertos novos fragmentos e são editadas novas edições com os complementos ao primeiro texto, são elas: Sambucus (Viena, 1564), Juan Tronesio (Lyón, 1575) e Pierre Pithou (Paris, 1577). Já o trecho integral do “Banquete de Trimalquião” só foi descoberto no ano de 1663 na biblioteca de Nicolás Cippio, juntamente com poemas de Catulo, Tibulo e Propércio. Este último excerto foi incorporado aos trechos já anteriormente conhecidos e publicados por Juan Blevio, em Amsterdam, no ano de 1669. Depois dessa edição surgiram algumas versões consideradas falsas: um erudito francês chamado Francisco Nodot dizia ter achado em 1668, em Belgrado, um novo manuscrito sem lacunas e publicou o texto em Rotterdam, em 1692 e em Paris no ano seguinte. Esse histórico de edições se faz necessário já que está diretamente relacionado com os textos-base das traduções de Sullivan e Leminiski como será apresentado mais à frente.

No *Satyricon*, Petrónio demonstra as manifestações sociais e o panorama cotidiano dos romanos. A história é baseada nas peripécias de Encólpio, narrador e personagem principal, que havia profanado o culto a Priapo, Gitão, um rapaz por quem Encólpio se

apaixona e Ascilto, com quem formam um triângulo amoroso, que depois será substituído por Eumolpo. A linguagem empregada por ele é uma linguagem própria, de interação entre texto e contexto, o texto pode ser utilizado como expressão de pensamentos, objetos e sentimentos que foram representativos de seu tempo, século I d.C.

› *Sullivan e a tradução de Satyricon*

J. P. Sullivan era professor de Língua e Literatura Clássica na Universidade de Santa Bárbara, quando faleceu em 1993. Ministrou aulas em Oxford, Cambridge, Texas, Minnessota, Buffalo e no Havaí. É autor de muitos livros, inclusive o estudo *Satyricon* de Petrônio: um estudo literário e Literatura e política na era de Nero. Fascinado pelos problemas de tradução dos clássicos, deu uma série de palestras denominadas “Creative Translations: Ben Jonson to Ezra Pound”, esses questionamentos fazem de sua versão do *Satyricon*, uma grande e respeitável tradução. Lançada em 1965, pela editora Penguin Books, situa-se no movimento *Swinging Sixties*, nascido em Londres e repercutido pelo mundo, e dois anos antes da euforia hippie, culminada pelo *Summer of Love*, em abril de 67. Trata-se de um projeto marcante por quebrar as regras e não censurar as cenas eróticas, muito presentes no livro. Dois anos antes, a editora tinha sido processada pela publicação do livro *Lady Chatterley’s Love*, de D. H. Lawrence e, sua absolvição nesse processo, abriu a possibilidade para a publicação da tradução do *Satyricon* sem censura das cenas de sexo mais explícitas. A obra foi de grande fascínio para os anos 60, rerepresentando o estilo e o tom petroniano em tempos mais libertários. Nessa época, surgiam os primeiros estudos narratológicos e Sullivan estava na vanguarda dos desenvolvimentos da crítica literária. Co-fundador da revista *Arion*, dedicou um número especial para Petrônio, em 1966.

Para a reedição de sua tradução, em 1986, usou o texto latino de Konrad Müller (*Petronius Satyricon*, Munich, 1983), e não seguiu o texto na íntegra, mas completou algumas partes em que discordava do estabelecimento. Sullivan discorre na Introdução da tradução sobre as dificuldades de traduzir um texto em Latim, sobre o qual temos referência apenas de trechos desconectados e fragmentados, porém completa dizendo que tentou fazer o máximo possível para trazê-lo para os seus dias atuais, dando ênfase no tom e estilo particulares de Petrônio, para ele “sobretudo, o tom [petroniano] é de suprema importância, mais importante até do que o alcance e a flexibilidade de seu estilo e assunto, pois é por meio do tom que a objetividade e a ironia do autor se tornam visíveis” (PETRONIUS, 1986, p. 29)

› *Leminski e a tradução de Satyricon*

Paulo Leminski, poeta curitibano, nasceu em 1944, deu a público seus primeiros escritos na revista *Invenção*, mantida pelos poetas concretistas – Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, em meados da década de 1960. Leminski também ministrou aulas em cursos pré-vestibulares, trabalhou com publicidade e foi editor em diversos jornais. Transitou em diversos gêneros textuais como o romance, o conto, a crônica, o ensaio, a poesia, dentre outros. Com complicações em sua saúde, o poeta faleceu em 7 de Junho de 1989.

A tradução do *Satyricon*, de Leminski, lançada em 1985 pela editora Brasiliense, é a terceira tradução do livro, em língua portuguesa, no Brasil. É muito provável que Leminski tenha utilizado a versão do texto latino presente na edição bilíngue da Editora Garnier, publicada em 1934 (cf. PÉTRONE, 1948), que se trata da versão menos criteriosa do texto em que ele é completado juntando as lacunas presentes nos manuscritos¹. Leminski não estava particularmente preocupado com questões filológicas, mas sim em propor uma tradução com um olhar “criativo”, seguindo um modelo tradutório que dialogava com as ideias de Eliot² e Pound, então em voga. Nesse sentido, a escolha da versão do texto latino sem lacunas indica uma maior preocupação com o público leitor e com o mercado editorial, já que se baseou em uma edição bastante difundida da obra na época.

Essa preocupação de Leminski com seu público é percebida já pela primeira recepção de sua tradução, aquela do professor Ariovaldo Augusto Peterlini em artigo para a *Folha de São Paulo* na ocasião do lançamento da tradução, o poeta “[...] não hesita em ‘transcriar’, em preencher e, mesmo, em reduzir, se disso necessita para trazer a seu leitor um Petrônio tão acessível e agradável quanto deve ter sido aos de sua época”. (PETERLINI, 1985).

Leminski oferece em sua edição um prefácio intitulado “Um romance jovem de dois mil anos” em que afirma ter preservado em seu texto os valores orais e populares da linguagem de Petrônio, transpondo-os para uma linguagem viva dos dias atuais. Ele critica ainda as traduções francesas, chamando-as de “traidoras”, pois amenizam os sentidos das palavras presentes no texto latino. Leminski justifica suas escolhas tradutórias ao dizer que sua tradução não é feita para especialistas, pois, além de assumir um compromisso de fidelidade com o texto latino, o poeta apresenta como objetivo envolver o leitor de sua época na vida de um texto escrito havia quase dois mil anos.

¹ O texto da Garnier contém as interpolações de Francisco Nodot que dizia ter achado, em 1668, em Belgrado, um novo manuscrito sem lacunas e publicou o texto em Rotterdam, em 1692 e em Paris no ano seguinte. Como já foi anunciado na introdução desta comunicação, esse é um dos debates constantes na chamada “Questão petroniana” (cf. Enzo V. Marmorale, *La questione petroniana*, 1948).

² Sobre a criatividade da tradução Eliot (1921) diz: “We need an eye which can see the past in its place with its definite differences from the present, and yet so lively that it shall be as present to us as the present. This is the creative eye;” (ELIOT, 1921, p.77).

Nessa mesma edição, Leminski também oferece um posfácio intitulado “Latim com gosto de vinho tinto”, em que manifesta seu modo de proceder na tradução: “ao tradutor que quer devolver um vivo aos vivos, uma tarefa ingrata. Entre trair Petrônio e trair os vivos, escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém”. (PETRÔNIO, 1985, p. 190) Para ele, há no *Satyricon* uma forte presença da condição humana “uma humanidade feita de grandezas e baixezas, de esplendores e misérias, coisa, aliás, que o romance vem fazendo desde que o *Satyricon* nasceu, e deu o primeiro exemplo” (PETRÔNIO, 1985, p. 191).

› *Pound e o Make it new*

A principal influência tradutória de Sullivan e Leminski foi o poeta, tradutor e crítico literário americano, Ezra Pound, que transmitia a ideia da delimitação de uma “tradição literária”, que ele denominava de “paideuma”, de boa literatura para os novos poetas. O pai do *make it new* direcionava o que ler na literatura da Antiguidade e afirmou que

um clássico é clássico não porque esteja conforme a certas regras estruturais ou se ajuste a certas definições (das quais o autor clássico provavelmente jamais teve conhecimento). Ele é clássico devido a uma certa juventude eterna e irreprimível (POUND, 1970, pp.21-22).

Para Pound “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND, 1970, p.40), e é sob esse prisma que ele oferece sua proposta de leitura dos clássicos.

Pound não só examinava com uma “nova sutileza de olhos” os escritores de outras épocas e latitudes, mas os vertia para a língua inglesa, ainda, ou principalmente, quando apresentavam problemas quase intransponíveis para a tradução. Adotou o lema confuciano: MAKE IT NEW (renovar), para dar nova vida ao passado literário via tradução. E criou uma nova modalidade crítica: *criticismbytranslation*. [...] Um aspecto inconfundível da arte de traduzir poundiana é a ausência de ortodoxia, a extraordinária liberdade de suas recriações (CAMPOS, 1993, pp. 20-21).

Portanto, os projetos tradutórios de Leminski e Sullivan passaram pelo ideal poundiano³, que faz com que a tradução seja igualada à criação, se confundindo em um único objetivo que é o de renovar (*make it new*). Como exemplo disso, Augusto de Campos cita a tradução de Pound das *Trachiniae* de Sófocles, que recebe o sangue novo do “slang”, a fala característica dos negros norte-americanos, e que é ampliada na versão de algumas odes de Confúcio (1993, p.21).

Relacionando-se com a linguagem baixa e cotidiana do *Satyricon*, podemos perceber

³ Segundo John Milton (2010) “Diferente dos românticos ingleses, Pound vê a tradução como a força motriz no processo criativo e como elemento central ao desenvolvimento das literaturas. [...] Assim, Pound trouxe a tradução para o centro do palco literário do século XX” (MILTON, 2010, p.143).

como Pound resolveria a tradução nesse contexto, através da análise de sua tradução do poema LVIII, de Catulo:

Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa
illa Lesbia, quam Catullus unam
plus quam se atque suos amavit omnes,
nunc in quadriuiis et angiportis
glubit magnanimi Remi nepotes. (CATULO, 1958, p.39)

Célio, nossa Lésbia,
Lésbia,
a Lésbia que Catulo amou
mais do que si mesmo e do que aos seus
agora
em becos e bibocas
suga os membros
(gulosa)
da estirpe magnânima de Remo. (CAMPOS, 1998, p.197)

That Lesbia, Caelius, our Lesbia, that Lesbia
Whom Catullus once loved more
Than his own soul and all his friend
Is now the drab of every lousy Roman. (POUND, 1969, p.157)

Percebe-se que Pound escolhe transformar o verbo latino *glubit*, que possui um sentido obsceno no verso de Catulo, pelo substantivo inglês *drab*, que se refere a um termo baixo para denominar uma “prostituta” (“Ela é agora a puta de todo romano abominável”). Ou seja, Pound recriou os versos de Catulo, transmitindo os mesmos significados, não sendo fiel às palavras, mas ao sentido do texto e não hesitando em utilizar uma ocorrência da linguagem coloquial⁴.

Assim, tendo como referência as escolhas tradutórias de Pound, a partir da análise do capítulo VI, VII e VIII do *Satyricon* e suas respectivas traduções, iremos perceber de que forma cada tradutor responde em sua prática às ideias poundianas sobre o ato de traduzir.

› **Análise comparativa: capítulos VI, VII e VIII**

Logo no início da história, nos capítulos VI, VII e VIII, Eumolpo e Ascilto estão entretidos com a fala do retor Agamenon. Ascilto desaparece e, depois de um tempo, o amigo sente sua falta e vai procurá-lo. Porém, sem saber onde ficava a estalagem em que estavam hospedados, este vai ao encontro de uma velhinha, que vendia verduras, e pergunta se ela sabe onde ele estava hospedado. A senhora o leva para uma casa de prostitutas, onde ele se encontra, novamente, com Ascilto, que o conta sobre suas

⁴ Ver *The Oxford Dictionary and Thesaurus* (ABATE, 1996) “1. a slut, 2. a prostitute”

peripécias. Nesse trecho há o uso de alguns termos específicos e algumas palavras de baixo calão, a partir dos quais poderemos perceber, por meio da análise comparativa entre o texto latino de partida e os textos de chegada, na tradução de Sullivan e Leminski, quais foram suas escolhas e o quanto essas escolhas estão relacionadas ao próprio sentido latino ou à sua recriação em língua moderna.

Logo no início do capítulo VII, Petrônio denomina a senhora, que mais para frente saberemos se tratar de uma prostituta mais velha, como *mater*, no texto latino, que será traduzido por Sullivan como *mother* e por Leminski como *vovó*, já indicando a ironia de Leminski por se tratar de uma senhora de idade, que mais adiante será referenciada pela palavra latina *anus* (velha).

No momento em que Ascilto não reconhecia o espaço a que a senhora o teria levado o texto latino diz: “*Cum ego negare me cognoscere domum, video quosdam inter titulos nudasque meretrices furtim conspatiantes*” (PÉTRONE, 1948, p.12). Sullivan faz uma tradução mais fiel às palavras deste trecho “*I was just telling her I did not recognize the place, when I caught sight of some naked old prostitutes and some customers furtively prowling up and down in the middle of them*” (PETRONIUS, 1965, p.38). Leminski, por sua vez, recria o trecho, com outras palavras, utilizando uma expressão coloquial para dizer que não reconhecia o lugar, “Aquilo não era minha casa nem aqui nem na puta que pariu. E foi umas putas que eu vi lá dentro, passeando nuas, pra lá e pra cá, na penumbra” (PETRÔNIO, 1985, p.14). Note-se que o termo *meretrices*, em latim, é mais formal, e Sullivan o transpõe em inglês pelo decalque *prostitutes*, diferentemente de Leminski, que mantém a linguagem mais coloquial em português, traduzindo-o por *putas*.

Quando Eumolpo encontra Ascilto, esse lhe parece muito cansado e começa a contar suas peripécias. No texto latino, para indicar o cansaço de Ascilto, Petrônio utiliza a verbo *deficio*, no particípio *deficiens*, apontando seu desfalecimento. Sullivan utiliza na tradução o advérbio *faintly* (indicando que o personagem começou a dizer fracamente suas palavras), Leminski, mais uma vez, utiliza uma expressão coloquial em português “Ele estava que era um caco” (PETRÔNIO, 1985, p.15).

Ascilto, então, começa a descrever o que havia lhe acontecido e diz ter encontrado um rapaz para ajudá-lo no caminho, como podemos ver no texto latino: “*accessit ad me paterfamilias, et ducem se itineris humanissime promisit*”⁶ (PÉTRONE, 1948, p.14). Nesse trecho, aparece o termo *paterfamilias*, que em latim indica o chefe da família ou o dono da

⁵ “Enquanto eu negava reconhecer aquela casa, vi, em meio a letreiros, meretrizes nuas e algumas pessoas que passeavam furtivamente” (PETRÔNIO, 2004, p.19).

⁶ “Aproximou-se de mim um senhor distinto e se ofereceu muito gentilmente a me conduzir pelas ruas” (PETRÔNIO, 2004, p.19).

casa, Sullivan traduz o termo da seguinte forma, “*one respectable-looking gentleman*”⁷ (PETRONIUS, 1965, p.38), modernizando o termo bastante particular à cultura romana. Leminski aproveita o termo latino e o traduz literalmente, aproximando-o à expressão coloquial em língua portuguesa, refere-se a “um senhor, *com cara de pai de família*” (PETRÔNIO, 1985, p.15, grifos nossos), o que em português, também equivale a um homem de respeito, portanto ele aproveita a sugestão do texto latino e o atualiza já que “cara” é um termo coloquial para “rosto” ou “semblante”.

Em seguida, Ascilto diz quais eram as intenções do homem “*prolatoque peculio coepit rogare stuprum*”⁸ (PÉTRONE, 1948, p.14). No trecho em língua latina fica claro que o personagem tinha a intenção de pagar por uma relação sexual, sendo que o termo *stuprum*⁹ tem uma conotação negativa de desonra, relacionado com relações sexuais ilícitas forçadas ou não. Na tradução, Sullivan ameniza o sentido dizendo “*Then he offered me money and began making improper suggestions*” (PETRONIUS, 1965, p.38), ou seja, ele optou por não fazer referência direta ao termo *stuprum* e referiu-se a ação do homem como “*sugestões inapropriadas*”. Leminski, seguindo a unidade de tom de sua tradução, ele que, como temos visto nos exemplos anteriores, tem preferido o uso de termos mais coloquiais e de registros de linguagem baixa, nesse trecho extrapola o sentido do termo *stuprum*, dizendo “puxou uma bolsa de dinheiro e me perguntou *por quantas moedas eu dava o cu*” (PETRÔNIO, 1985, p.15, grifos nossos), fazendo referência, portanto, ao ato sexual pressuposto pelo termo latino e levando em consideração de que se trata de dois personagens masculinos.

Ascilto termina o diálogo dizendo, que a mulher já tinha dado o dinheiro ao homem, que já iniciava a ação e, se ele não fosse forte teria se dado mal, como vemos no texto de Petrónio: “*Jam pro cella meretrix assem exegerat, jam ille mihi injecerat manum; et, nisi valentior fuisset, poenas dedissem.*”¹⁰ (PÉTRONE, 1948, p.14) Nesse trecho, aparece novamente a palavra *meretrix* e, mais uma vez, Sullivan ameniza o significado na tradução, traduzindo por *woman* e Leminski mantém sua tradução, com o termo coloquial “puta”. Nesse trecho também aparece a expressão latina *injecerat manum*¹¹, que possui um sentido figurado de “insinuação ao agarrar, sugerir algo”, Sullivan ameniza novamente esse sentido ao dizer “*He had his hand on me*” (PETRONIUS, 1965, p.38), já Leminski utiliza a expressão “passar a mão” (PETRÔNIO, 1985, p.15), que em português, assim como em Latim, possui uma carga de insinuação “o cara já começava a me passar a mão” (PETRÔNIO, 1985, p.15).

⁷ Um cavalheiro de aspecto respeitável.

⁸ “Depois de me mostrar o dinheiro, fez-me uma proposta indecente” (PETRÔNIO, 2004, p.19).

⁹ Ver *Oxford Latin Dictionary* (GLARE, 1968, doravante OLD), que cita de Plauto, *Anfitrião* e *Casina*, “Illicit sexual intercourse in any form (whether force or not) or an instance of it” (2).

¹⁰ “Uma prostituta foi logo tomando a moeda em pagamento pelo quatinho, ele foi logo lançando a mão em mim e, se eu não tivesse sido mais forte do que ele, teria ficado em maus lençóis” (PETRÔNIO, 2004, pp.19,20).

¹¹ Ver OLD, que cita de Sêneca, *Epistulas*, “to seize a person on whom one has certain types of claim” (6b).

Finalmente, há o uso por Petrônio da expressão latina “*poenas dedissem*”, que significa “sofrer uma punição”, na tradução, Sullivan mantém o uso da linguagem mais formal e traduz o trecho da seguinte forma “*If I’d not been stronger than he was, I should have been in a bad way*” (PETRONIUS, 1965, p.38), percebe-se que o tradutor mantém em inglês a forma de comparativo do adjetivo latino “*valentior*” e a forma verbal de “*fuissem*”, conjugado no mais-que-perfeito do subjuntivo latino, transposto em língua inglesa para o past perfect, “*had been*”. Na tradução deste trecho, Leminski, mantém o uso da forma baixa e coloquial da linguagem, da seguinte forma “Se eu não fosse valente, estava fudido” (PETRÔNIO, 1985, p.15). Leminski não conserva o comparativo do termo latino “*valentior*”, traduzindo-o apenas por “valente” e conjuga o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo, e não no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, como no original latino.

› *Considerações finais*

Levando em consideração a definição de tradução feita por Cardozo ao dizer que “toda tradução se funda num conjunto de decisões que instaura a própria ordem crítica dessa prática discursiva” (CARDOZO, 2009, p. 109), voltamos o olhar ao *projeto de tradução* de Sullivan e Leminski, que segundo o autor é a “matriz crítica, o conjunto de decisões que possa ter orientado a proposta de tradução em questão” (CARDOZO, 2009, p. 109).

Diante das análises dos trechos destacados, pudemos perceber, que, apesar de Sullivan levar em consideração os ideais tradutórios de Pound e publicado sua tradução em um momento característico de abertura política e de liberdade de expressão, ainda assim ele acaba amenizando os sentidos mais eróticos ou coloquiais da linguagem presentes no texto de partida. Por outro lado, Leminski extrapola esses sentidos e produz uma tradução totalmente voltada aos ideais poundianos de recriação da obra de partida, atualizando os termos para a linguagem e o contexto de sua época e utilizando uma linguagem totalmente coloquial e de registro mais baixo, indo além da linguagem diferenciada e também popular e baixa do texto latino. A questão editorial também é muito importante em Leminski, que partiu do pressuposto de estar traduzindo uma obra obscena e em seu contexto de publicação, ser lançada pela editora Brasiliense em uma coleção erótica, parte da série “Circo de Letras”, cujo ícone é uma mulher de chicote a sugerir práticas sadomasoquistas.

› *Referências bibliográficas*

- Abate, F. (1996). *The Oxford Dictionary and Thesaurus*. New York: Oxford University Press.
Campos, H. (1988). *Crisantempo: no espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva.
_____. (2010). Da tradução como criação e como crítica. En: _____ (Ed). *Metalinguagem e*

- outras metas*. (pp. 31-48). São Paulo: Perspectiva.
- Campos, A. (1993). Ezra Pound: “Nec Spe Nec Metu” (introdução). En POUND, E. *Poesia*. Trad. de Augusto de Campos [et all]; textos críticos de Haroldo de Campos. (pp. 13-40) São Paulo: Hucitec.
- Cardozo, M. M. (2009). O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. *Tradução e Comunicação Revista Brasileira de Tradutores* (18), pp. 101-117.
- Catulli, C. V. (1958) *Carmina*. New York: Oxford University.
- Eliot, T. S. (1921) *The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism*.
- Glare, P. G. W. (1968) *Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford University Press.
- Leminski, P. (2011) *Ensaio e Anseios Críticos*. Campinas: Editora Unicamp.
- Milton, J. (2010) *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes.
- Müller, K. (1983) *Petronii Arbitri Satyricon*. Munich: Ernst Heimeran Verlag.
- Nisbet, R. G. M. (1962). Petronii Arbitri Satyricon by Konrad Müller. *The Journal of Roman Studies* (52), pp. 227-238.
- Peterlini, A. A. (1985). Viagem ao “baixo” – Roma. *Folha de São Paulo* (Ilustrada), p. 98.
- Pétrone. (1948). *Le Satiricon*. Paris: Les Belles Lettres.
- Petrônio. (2008). *Satíricon*. Tradução e posfácio: Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify.
- Petrônio. (2004). *Satyricon*. Trad. de Sandra M. G. Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida.
- _____. (1987). *Satyricon*. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense.
- Petronius. (1986). *The Satyricon and the fragments*. Translated with an introduction by John Sullivan. Baltimore: Penguin Books.
- Pound, E. (1976). *A Arte da Poesia: ensaios escolhidos*. Trad. de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1970). *Abc da Literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- Ruthven, K. K. (1969). *A guide to Ezra Pound's Personae (1926)*. Los Angeles: University of California Press.
- Sullivan, J. P. (1968). *The Satyricon of Petronius, a literary Study*. Bloomington and London: Indiana University Press.